

A REVOLUÇÃO DOS SONS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE FONÉTICA/FONOLOGIA DO PORTUGUÊS¹

THE SOUNDS REVOLUTION: A DIDACTIC APPROACH FOR THE TEACHING OF PORTUGUESE PHONETICS/PHONOLOGY

Josane Moreira de Oliveira
Mestre em Letras (DLET/UEFS/UNIFACS)
Vera Pedreira dos Santos Pepe
Mestre em Letras (DLET/UEFS)

RESUMO — *Este artigo nasceu de nossas experiências profissionais no ensino de fonética e fonologia da língua portuguesa nos cursos de Letras. Trata-se de uma nova maneira de abordar os assuntos de fonética e fonologia usando o humor e a criatividade em sala de aula.*

PALAVRAS-CHAVE: *Fonética; Fonologia; Fonêmica*

ABSTRACT — *This article was originated from our professional experiences in the teaching of phonetics and phonology of the Portuguese language in the Letters courses. It is a new way of approaching phonetics and phonology by using humor and creativity in classroom.*

KEY WORDS: *Phonetics; Phonology; Phonemics.*

Este artigo é uma proposta metodológica para o ensino de fonética/fonologia do português brasileiro contemporâneo nos cursos de Letras, com enfoque nos traços articulatórios dos fonemas segmentais. Para tanto, utilizamos uma estória, na verdade uma fábula, cujas personagens são as vogais, as consoantes e diversos órgãos do aparelho fonador. Desprezamos as semivogais (ou semiconsoantes), pois optamos por trabalhá-las separadamente em um outro texto.

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 224-8265 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460.

Enquanto professoras de disciplinas de Lingüística e Língua Portuguesa que versam sobre fonética e fonologia do português, sentimos a necessidade de criar estímulos para os estudantes, que, em geral, se queixam afirmando que os conteúdos abordados nessas disciplinas são áridos e abstratos. Assim, apelando para o lúdico e para o humor em sala de aula, decidimos elaborar uma série de textos como o que se segue para o ensino-aprendizagem da nossa matéria.

Para testar a funcionalidade dessa nossa proposta, aplicamos o texto a seguir em sala de aula, obedecendo aos seguintes passos: 1) leitura silenciosa do texto; 2) leitura do texto em voz alta pelo professor; 3) interpretação do texto, relacionando as personagens com órgãos do aparelho fonador e com fonemas da língua portuguesa contemporânea do Brasil; 4) sistematização dos traços de modo e zona de articulação, de sonoridade e de participação das cavidades oral e nasal na produção dos sons, com base em pistas dadas no texto; 5) agrupamento dos fonemas em classes naturais; 6) levantamento de palavras utilizadas no texto que contenham os fonemas em questão; 7) releitura do texto.

Com base nos resultados obtidos em sala de aula com a metodologia acima apresentada, sentimos que houve maior interesse por parte dos alunos no que tange à exploração dos assuntos que podem ser abordados a partir do texto que será apresentado e de outros que se encontram ainda em fase de elaboração. Por isso, resolvemos divulgar não só o texto mas também a metodologia que temos empregado ultimamente. Ressaltamos que os passos aqui apresentados para estudo e análise do texto podem e devem ser alterados a depender da necessidade de cada prática de ensino-aprendizagem. Além disso, vários exercícios podem ser elaborados a partir do texto para uma melhor compreensão ou fixação do mesmo. Ao final deste artigo, apresentamos apenas um pequeno exemplo de exploração do texto.

Ao longo da estória, as personagens que representam as vogais distribuem-se em dois grupos: o das vogais orais e o das vogais nasais. As personagens que representam as consoantes vão aparecendo em grupos de acordo com o modo de articulação.

Entretanto os critérios adotados para a ordem dos grupos e dos fonemas dentro deles foram de certa forma arbitrários, com o intuito de se preservar uma sequência lógica no enredo da narrativa.

Salientamos ainda que foram utilizados neologismos, interjeições e algumas expressões e gírias características do dialeto de Salvador – Bahia, o que não afeta, todavia (na nossa opinião), a compreensão do texto. Achamos que esta seria também uma forma de nos aproximarmos da fala dos estudantes bem como de alcançarmos o humor e fornecermos material para um possível estudo da diversidade lingüística.

Pressupomos, para a abordagem desse texto, que os estudantes já tenham algum conhecimento lingüístico no que diz respeito a conceitos como sons vocálicos e consonânticos, sons surdos e sonoros, modo e zona de articulação. Esperamos também que conheçam os órgãos que compõem o aparelho fonador, os símbolos do alfabeto fonético internacional etc., até porque não se trata de um texto ou um assunto inicial de curso. Sugerimos, então, que o texto seja trabalhado como forma de fixação de assuntos abordados em sala de aula, ao tempo em que solicitamos atenção a pequenos detalhes e passagens do mesmo que retratam aspectos importantes e sutis da articulação de sons.

Vamos à estória:

“Estava tudo preparado para a grande revolução. Chegara o dia “D”. Cansados de habitar os pulmorões de D. Falante, os sons resolveram se organizar e preparar uma rebelião lingüística.

Organizaram-se em grupos: o grupo das crianças; o grupo das Ivas e Ivos; o grupo das Fricas e Frico²; o grupo das Licas, sob o comando de Vibriolino; e o grupo dos agregados de Tia Nasalina.

Após muitas discussões, estratégias e mapas prontos, decidiram iniciar a fuga.

Primeiro saíram as crianças, pois àquela hora não haveria perigo nem obstáculos, uma vez que os guardas estariam dormindo. Eufóricas, conversavam:

– Ah! Agora, afinal, a alegria aparece aqui. Ah!

– É! É! É! É! – confirmou outra.

– Oh! Ora, ora, ora. Oh! Oh! Oh! – e só fazia rir este pequenino.

– Eu... eu estou emocionado! – comentou com o irmão.

– Ô manô, hoje ocê... hoje é liberô!

Por terem feito muito barulho, Dona Bucalina acordou e começou a fechar as suas portas. Assim, mais duas crianças passaram correndo pelo corredor cada vez mais estreito, gritando:

– Ipi! Ipi!

– Urra! Uh! Uh!

A essa altura, descobriram que Tia Nasalina deixara os seus portões abertos, pois saíra apressadamente para socorrer Seu Palatino Lerdo. Ele estava caidão e, enquanto Tia Nasalina tentava levantá-lo, as outras crianças, espertas que só, embora muito gripadas e fanhosas, fugiram pela casa de Tia Naná:

– Ã! Ã!

– En! En! Pensaram em enganar a gente!

– Idiota! Inguinorante! In cima de mim não!

– On... on... on... onde a gente vai?

– Um... um... umbora, um dia a gente chega.

Pronto. Finalmente as crianças estavam livres. Passaram sem nenhum empecilho. Infelizmente, o mesmo não aconteceu com os adultos. Os guardas acordaram com o barulho dos pequenos e ficaram a postos, colocando obstáculos que impedissem ou dificultassem a fuga dos demais. Nada, entretanto, conseguiu desanimar a turma, decidida e afoita pela liberdade.

Labiolino e Labiolina, no maior beija-beija, estavam quase distraídos se não fosse a tagarelice natural de Bibiliva, que gritava loucamente. Assim, o casal de guardas resolveu fechar a saída. Bibiliva e Pipiliva resolveram tomar a frente e forçaram a abertura das portas:

– Empurra, Pipiliva!

– Bate, Bibiliva, que a culpa foi sua. Quem mandou fazer barulho?

E saíram de uma vez só. Foi um verdadeiro estrondo:

– Vamos lá. 1, 2, 3 e PUM! BUM!

Chegara a vez de Titilivo e Didilivo. Como conseguir driblar Dona Linguolina e Seu Alveolino?

– Bico fechado, Didilivo. – disse Titilivo.
 – Eu não sei ficar calado. Dim, dom, dim, dom!
 – Pára de cantar ou não sairemos daqui. – insistiu em vão Titilivo.

Não deu outra. Agarraram Dona Linguolina pela cabeça e fizeram cócegas na barriga de Seu Alveolino, que era todo enrugadinho. Para completar, deram um tapinha em Seu Dentildo, que também estava lá. E conseguiram sair:

– Tim!
 – Dom!

Cheia de qui-qui-qui e cá-cá-cá, chegava Kikiliva, rindo das besteiras que Guiguiliva vivia contando sem parar:

– Quer calar a boca, quer? – perguntou Kikiliva.

Mas não adiantava. Guiguiliva não parava de fofocar.

Tiveram um pouco de sorte porque Dona Linguolina estava arriada de cansaço e teriam que lidar apenas com Seu PalatinoLerdo, um molenga mesmo. Respiraram fundo e fugiram. Na saída, ainda tombaram em Dona Linguolina, que batia em Seu Palatino Lerdo, sonolento como sempre. E assim fugiram as Ivas e os Ivos.

Logo após vieram as Fricas. Fifrica e Vifrica conseguiram fugir graças a um triângulo amoroso. Seu Dentildo, apaixonado por Labiolina, resolveu se meter com Labiolino e ficou atrapalhando o famoso beija-beija dos dois. O clima começou a pesar, os dois se pegaram e, nesse meio tempo, Fifrica e Vifrica passaram despercebidas, apesar do barulho de Vifrica, que adorava conversar.

– Sa-sa-sa-ricando. Todo mundo leva a vida no arame. Sa-sa-sa-ricando...³

– Za-zoeira, za-zoeira...⁴

Só podia ser a dupla sertaneja Sifrica e Zifrica!

– Zizi, cale a boca, senão Seu Alveolino acorda! – pediu Sifrica.

Mas não adiantou. Zifrica não podia parar e quase não conseguiram passar porque Dona Linguolina já ia em direção a Seu Alveolino denunciá-las. Ainda bem que o vento soprou forte e as empurrou um pouquinho. Elas eram magérrimas!

Louquinha de pedra, surge Gifrica, tentando vender suas bugigangas (logo na hora da fuga!):

– Jóia, jujuba, jojoba, gengibre...

– Chiu! Chega! Não tá vendo que eu tô aqui quebrando a cabeça pra ver como é que a gente foge? E você aí, querendo vender seus produtos.

Mas que sorte! Eis que de repente, não mais que de repente, Chifrica e Gifrica flagram Dona Linguolina se aproximando de Seu Palatão, cuja personalidade era contrária à de seu irmão, Seu Palatino Lerdo.

– Chi! Olha lá! Dona Linguolina e Seu Palatão! Será que os dois estão de caso? – questionou Chifrica.

– Que nada, ele é muito durão. – retrucou Gifrica.

– Sabe de uma coisa? Vamos logo embora. Essa é a nossa chance. – decidiu Chifrica.

Fugiram. E Gifrica, muito doidona, continuava a anunciar os seus produtos:

– Jóia, jujuba, jojoba, gengibre...

O último desse grupo, Rifrico⁵, tomando rum com refresco, passou sem medo, porque ele era forte e retado. Conseguia vencer todo e qualquer obstáculo. Era rápido e arrasador.

O grupo seguinte era bem menor, só tinha três componentes: Lilica, Lhalica e Vibriolino. Todos faziam a dieta da lua. Só tomavam líquido. Lilica e Lhalica, por vaidade, nem eram gordas. Vibriolino, por necessidade. Coitado, fora contaminado pelo vibrião colérico.

Lilica, em sua trajetória, descobriu mais um namorado de Dona Linguolina: Seu Alveolino. Enquanto os dois se chamegavam, ela, discretamente, saiu pelas laterais.

Mal acabara de se despedir de Seu Alveolino, e Dona Linguolina volta para os braços de... quem?

– De Seu Palatino Lerdo?

– Não, não. De Seu Palatão!

– Que perua!

Lhalica tomou um susto quando viu tanta safadeza e deu para correr. Só parou quando estava do lado de fora, molhada de suor.

Surge Vibriolino, vibrando de alegria e amarelado pelo cólera. Durante a fuga, ainda pôde ver Dona Linguolina, que, trocando mais uma vez de namorado, dava uma bitoca em Seu Alveolino.

O último grupo, o dos agregados de Tia Nasalina, a essa altura facilmente venceria Seu Palatino Lerdo. Apavoradas por serem as últimas, essas doces pessoas tentavam, insistentemente, sair pela casa de Tia Naná. Aí é que surgiu o problema.

Nhô Nhenhenhém, que era bem velhinho, passou mal e quase enfarta ao ver Dona Linguolina com Seu Palatão (de novo!), mas, se arrastando, conseguiu fugir.

Mas essa Dona Linguolina é de tirar o fôlego! Não é que ela já estava com Seu Alveolino outra vez quando Seu Nonô ia passando? Ele chegou a parar estatelado e precisou de um tempo para se refazer e sair:

– N... n... n... nossa!

Finalmente saiu a mimosa Mimi. Que amor de mocinha! Miudinha, magrinha e mágica. Na hora em que ela chegou, como um cupido, reconciliou Labiolino e Labiolina, que voltaram aos beijos e só pararam para lhe dar passagem, pois viram que àquela altura todos os sons já haviam escapado.

Missão cumprida. Todos estavam livres. Comemoraram o sucesso da revolução e fundaram uma sociedade que se chamou SISTEMA FONOLÓGICO DO PORTUGUÊS."

Essa é a primeira estória. Como dissemos, pretendemos continuar o trabalho escrevendo outros textos abordando, por exemplo, a distinção entre fonética e fonologia (envolvendo também o conceito de fonêmica), as semivogais (talvez personagens adolescentes na estória aqui apresentada), a combinação de fonemas para formar sílabas e palavras, os elencos vocálico e consonântico nas suas diversas distribuições, processos fonético-fonológicos, o acento enquanto fonema suprasegmental e outros assuntos. Por enquanto, são idéias em processo de maturação, mas esperamos pô-las em prática tão cedo seja possível.

Para maiores esclarecimentos, elencamos as personagens do texto que representam as diferentes partes do aparelho

fonador humano:

- Pulmões – pulmões⁶
- Dom Falante – falante
- Crianças – vogais
- Pipiliva, Bibiliva, Titilivo, Didilivo, Kikiliva, Guiguiliva (Ivas e Ivos) – consoantes oclusivas que equivalem, respectivamente, ao primeiro fonema de cada nome
- Fífrica, Víffrica, Síffrica, Zíffrica, Chíffrica, Gíffrica, Ríffrico (Fricas e Frico) – consoantes constritivas (fricativas) que equivalem, respectivamente, ao primeiro fonema de cada nome
- Lílrica, Lhálrica, Vibríolino (Licas) – consoantes líquidas (laterais e vibrante simples)
- Nhô Nhenhenhém, Nonô, Mimi – consoantes nasais
- Dona Bucalina – cavidade oral (boca)
- Tia Nasalina (Tia Naná) – cavidade nasal
- Seu Palatino Lerdo – palato mole (véu palatino)
- Seu Palatão – palato duro
- Labiolino e Labiolina – lábios
- Dona Linguolina – língua (órgão móvel)
- Seu Alveolino – alvéolos
- Seu Dentildo – dentes

Conforme prometemos, segue-se um exemplo de exercício que pode ser elaborado pelos professores a partir do texto:

1. Relacione as personagens abaixo aos diferentes órgãos do aparelho fonador:

- a) Tia Nasalina
- b) Dona Bucalina
- c) Seu Palatino Lerdo
- d) Labiolino e Labiolina
- e) Seu Alveolino
- f) Seu Palatão
- g) Dona Linguolina
- h) Seu Dentildo

2. “Primeiro saíram as crianças, pois, àquela hora, não haveria perigo nem obstáculos (...) Infelizmente o mesmo não aconteceu com os adultos. Os guardas (...) ficaram a postos,

colocando obstáculos que impedissem ou dificultassem a fuga dos demais.”

a) O que as crianças e os adultos representam?

b) Justifique a sua resposta.

3. Dê os símbolos fonológicos que representam as personagens abaixo:

a) Bibiliva

b) Kikiliva

c) Vifrica

d) Chifrica

e) Gifrica

f) Rifrico

g) Lilica

h) Lhalica

i) Nhô Nhenhenhém

j) Mimi

4. Como se distinguem no texto os sons surdos dos sons sonoros?

5. O que significa o fato de algumas crianças estarem gripadas e fanhosas?

Gostaríamos de encerrar este artigo agradecendo aos estudantes que contribuíram com as discussões da estória apresentada e que são sempre fonte de estímulo para os professores que buscam alternativas que visem à melhoria do processo de ensino-aprendizagem e registrando a nossa “patente” no que tange às idéias que aqui apresentamos como fonte inspiradora de trabalhos posteriores.

NOTAS

- ¹ Este trabalho foi apresentado no I Congresso Internacional da ABRALIN (Associação Brasileira de Lingüística), realizado em Salvador (Universidade Federal da Bahia, 1994).
- ² Embora a fricção seja um traço acústico e não articulatorio (CRYSTAL, 1988), as consoantes constritivas estão sendo aqui chamadas de consoantes fricativas para uma melhor caracterização distintiva entre as personagens que as retratam.
- ³ Trecho de música.
- ⁴ Trecho de música.
- ⁵ Consideramos o /R/ forte como uma consoante constritiva (fricativa) velar (CALLOU e LEITE, 1990), e não como uma vibrante múltipla ou uma consoante faríngea.
- ⁶ Aglutinação de ‘pulmões’ com ‘porões’.

REFERÊNCIAS

- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LADEFODGED, P. **A course in Phonetics**. New york: Harcourt, 1975.
- LYONS, J. **Linguagem e lingüística**. Rio de Janeiro Zahar, 1982
- MALBERG, B. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.